

A obra de Antonio Malta Campos é resultado de uma sólida e continuada pesquisa artística, atravessada de forma inequívoca por aspectos de sua vida pessoal e social que são afetados pelo desenrolar da cultura contemporânea. Parte da tão festejada Geração 80, Malta Campos integrou inicialmente o ateliê Casa 7. Permeados por uma obsessão cotidiana e pelo vasto repertório do artista, o desenho e a pintura são os meios dinâmicos mais explorados por ele, quase como uma insurgência continuada, transbordando em contatos indiscriminados com a colagem e a gravura, bem como na experimentação da escala dos trabalhos.

Ao nos defrontarmos com as obras de Malta Campos – os dípticos de grande dimensão e os conjuntos de pequenos exercícios gráficos – ficam evidentes a destreza técnica do artista e sua insurgência contra o conforto visual, as precisões geométricas e as fronteiras do abstrato e do figurativo. Em sua pintura, o artista faz colidir a tradição harmônica desse meio com uma ironia gráfica, seja pelo uso indiscriminado da cor, seja pela inserção de elementos figurativos cômicos. O todo das composições sem dúvida remete a um amplo repertório artístico moderno: Pablo Picasso, Georges Braque, Paul Klee, Joan Miró, Le Corbusier, Maria Martins, Henry Moore, Oscar Niemeyer, Burle Marx, Wifredo Lam e Asger Jorn, entre muitos outros. Por erudição, e não apenas por um amparo memorialista, Malta Campos referencia constantemente a história da arte, tomando essa atitude de maneira despudorada e desobrigada.

Tanto na grande como na pequena escala, sem distinção, o artista procura não resistir à implacabilidade do tempo em consonância com a própria natureza do material, que parece não se conformar e não obedecer ao possível rigor a que deveria responder. O trabalho recente, em colaboração com a assistente Antônia Baudouin, e a desobediência aos seus projetos iniciais contribuem para essa aparente sabotagem. Conhecedor dessa rebeldia, Malta Campos não procura combatê-la, pelo contrário, faz dela um fator de potência, o que, de imediato, permite aglutinações, deformações, anamorfismos ou mesmo formas que têm quase vida própria. Aos nossos olhos, lembra uma miscelânea de inspiração dadaísta. Isso posto, não é de se admirar que o trabalho tensione a escala, ao possibilitar para o espectador uma experiência liliputiana, que se transforma na distância ou na proximidade com o trabalho, obviamente que de forma mais intensa nos dípticos a óleo dispostos na parede.

Muito além, os pequenos trabalhos ou **Misturinhas** (2000-2016) como ele mesmo denomina, compõem o centro nervoso de sua pesquisa. Neles, cores em oposição do guache e dos lápis de cor; os traços desinibidos do desenho com lápis, caneta ou nanquim; recortes de impressos e adesivos infantojovens são usados para a feitura dessas pequenas composições livres, resistentes à classificação. Assim como a destemida produção tardia do artista Philip Guston, é relevante pensar que a produção de Malta Campos reverbera, desde os anos de escola – quando adolescente desenhava para revistas em quadrinhos, lugar de resistência jovem ao final do regime militar – um embate intenso com a paralisia formalista na arte e um movimento de resistência que dá vazão ao impulso e à incerteza programática da vida em tempos tão difíceis.

— Diego Matos